

Brígida Baltar
A pele da planta

Há um lugar dentro de cada um. Há uma mata dentro de cada um. Há a cura dentro de cada um.

Ministério da Cultura e Instituto Ling apresentam

Brígida Baltar

A pele da planta

curadoria
Marcelo Campos

10 de junho a 9 de agosto 2025
Galeria Instituto Ling
Porto Alegre, RS - Brasil

On August 21st, 2022, in the notebook she used for her memoirs, Brígida wrote that “the Instituto Brígida Baltar shall exist until the work is duly placed among important art institutions and museums, preserving the memory and thinking within the work through art history, as that of a Brazilian artist from the 1990’s.”

Two years before, in partnership with curator Marcelo Campos, she dove into the proposition for this show, *Plant Skin*, inspired by the house and gardens of Instituto Ling, especially requested. Precisely by using her own home and nature as landscape and materials, throughout her career, the artist has personified dreams and fables, lending her body over for films and shelter-building, leading to hundreds of artworks.

In that time, society went through a pandemic that scarred us all, and, curiously, the restricted landscapes of the home, that served as inspiration for Brígida, gained new meanings. However, what remains are all the arrangements that she made for this exhibition: her poetic intentions, part of the original 2020 project, underlaid the curating and topography of the *Skin plant* exhibition, thanks to the participation of the many correspondents who thought about the work with her.

This catalog therefore brings annotations on the last project conceived by Brígida Baltar, executed through the support of the mission bequeathed to her Institute. In this rare and precious context, surrounded by the windows and gardens of Instituto Ling, incorporated into the topography of the exhibit, we invite the reader to get to know the set of embroidered pieces made specially for *Plant Skin*, which are now part of a larger collection of the artist’s work, safeguarded by Instituto Brígida Baltar.

Instituto Brígida Baltar

Em 21 de agosto de 2022, no caderno que usava para suas memórias, Brígida registrou que “o Instituto Brígida Baltar deverá existir até que a obra esteja bem colocada em instituições de arte e museus importantes, preservando a memória e o pensamento da obra na história da arte, como artista brasileira da década de 1990”.

Dois anos antes, em parceria com o curador Marcelo Campos, aprofundou-se na proposta desta mostra, *A pele da planta*, inspirada na casa e nos jardins do Ling, a convite do Instituto. Foi exatamente usando a sua casa e a natureza como paisagem e matéria-prima que, ao longo da sua carreira, a artista personificou sonhos e fábulas e emprestou seu corpo para fazer filmes e construir abrigos, originando centenas de obras.

Nesse intervalo de tempo, a sociedade atravessou uma pandemia que marca a todos e, curiosamente, as paisagens restritas da casa, que serviram à inspiração de Brígida, ganharam outros sentidos. Permanecem, no entanto, todos os arranjos que a artista fez para esta exposição: as suas intenções poéticas, que são parte do projeto original de 2020, fundamentaram a curadoria e a expografia de *A pele da planta*, graças à participação dos diversos interlocutores que pensaram com ela a sua obra.

Este catálogo, portanto, traz os registros do último projeto elaborado por Brígida Baltar e que se realizou apoiado pela vocação legada ao seu Instituto. Nesse contexto raro e precioso, cercado pelas janelas e jardins do Instituto Ling incorporadas na expografia da mostra, convidamos o leitor para conhecer o conjunto de bordados realizados especialmente para *A pele da planta* e que agora são parte de um acervo maior da artista salvaguardado pelo Instituto Brígida Baltar.

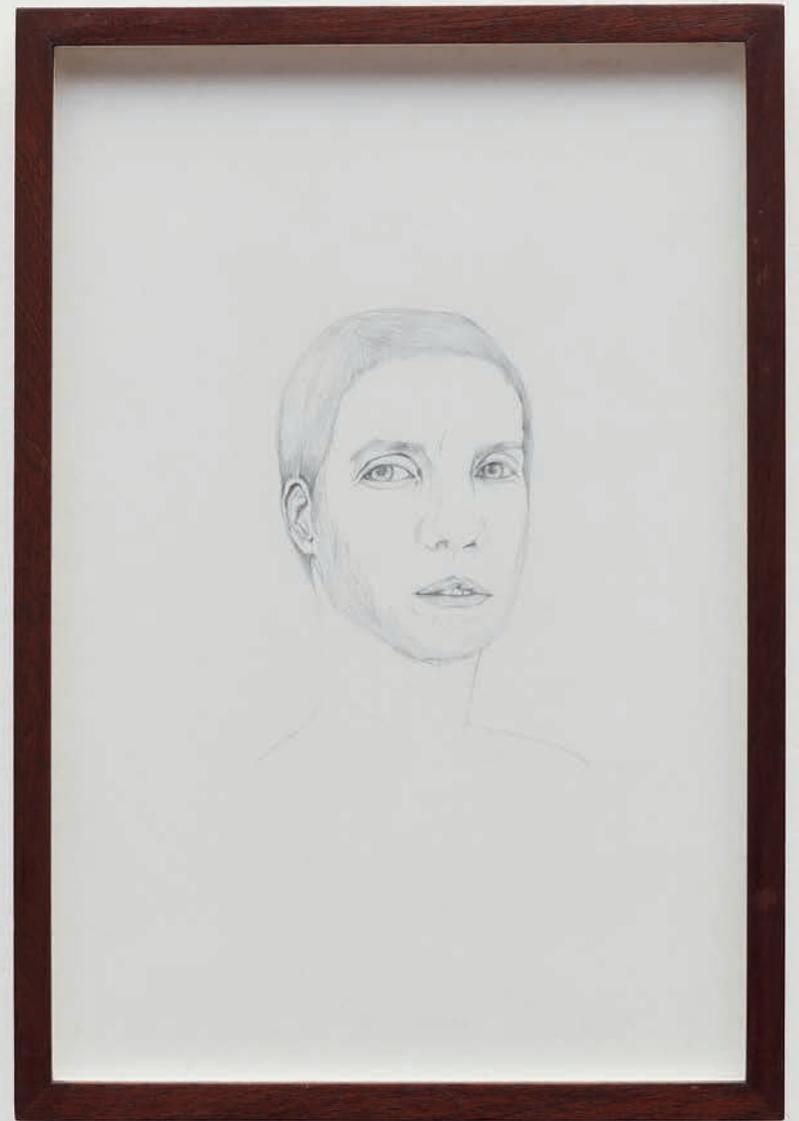
Diretor Executivo |
Chief Executive Officer
Tiago Baltar

Diretor Artístico |
Artistic Director
Jocelino Pessoa

Conselho | Board
Álvaro Piquet Pessôa
Luísa Duarte
Marcelo Campos
Ricardo Resende

Assistente Ateliê BB |
Assistant at the BB Studio
Ygor Landarin

Autorretrato com barba | Self-Portrait with Beard, 2003
Lápis sobre papel | Pencil on paper, 34,5 x 23 cm



A pele da planta

Marcelo Campos

O projeto *A pele da planta* retoma gestos e desejos já anunciados em outros projetos de Brígida Baltar. Convivendo com a artista por mais de uma década, percebo que o projeto atual mantém interesses em torno do que está próximo ao corpo e ao cotidiano de Brígida: a criação de híbridos, como já acontecera com esculturas aladas, e a atenção diante de elementos naturais e suas transformações. Assim, a alteração de cores, a transformação de formas, ora geométricas, ora mais irregulares e naturais, vão compondo o cotidiano de desenhos e bordados. Este projeto, de outro modo, a mantém curiosa pela possibilidade de criação de esculturas e obras mais experimentais, com usos inusitados de materiais, como o cimento, tal qual na produção mais recente com porcelana.

Marcelo Campos, 2020.

The *Plant Skin* project returns to gestures and desires already proclaimed in other projects by Brígida Baltar. Having been in contact with the artist for over a decade, I see that this project retains interests around what's close to Brígida's body and daily life: the creation of hybridity, as it happened with the winged sculptures, and the attention given to natural elements and their transformations. Thus, the changes in color, transformation of shapes, at times geometrical, at times irregular and natural, slowly compose the daily drawings and embroidering. This project, on another level, keeps her curious about the possibility of creating sculptures and more experimental works, using unexpected materials, such as cement, as well as with her more recent production using porcelain.

Marcelo Campos, 2020.

[...]

Retomar as ideias deste projeto do Instituto Ling, depois da passagem da artista, é reencontrar Brígida Baltar, seguir seus apontamentos registrados em diários e anotações, e singularizar o desejo de Brígida em produzir narrativas concatenadas com a própria poética do lugar. *A pele da planta* encontra uma artista sempre disposta ao inédito e ao inusitado, testando materiais, por exemplo. Vemos, depois de reunir o conjunto de sua obra, a importância dada à natureza em comunhão inseparável conosco, os seres viventes. E a vida, forte, intensa e buscada em todos os sentidos por Brígida, foi-se parecendo, cada vez mais, com seus trabalhos. A vida das plantas, suas reações, a pele que responde em células coloridas, a presença do que ficou marcado, magoado, traumatizado. E, ainda assim, o renascimento pela junção, pela mistura, pela possibilidade de enxertos, fato vivido por Brígida quando da partilha da medula com o irmão, nas transformações e quimeras que ela própria sentira no corpo e na alma. Seguimos, aqui, seu desejo, seus rascunhos, mantendo-a presente e perspectivando-a.

Dos últimos interesses da artista, anotados em seus diários, estavam frases de Ailton Krenak que revelavam a importância da neblina, elemento que tornou Brígida bastante reconhecida no

[...]

Resuming the ideas for this project by Instituto Ling after the artist's passing is to re-encounter Brígida Baltar, to follow her notes, written in journals and notebooks, and to single out Brígida's desire to produce narratives that are connected to the poetics of each place. *Plant Skin* finds an artist who's always keen to the unprecedented and the unusual, testing materials, for instance. We see, after gathering the set of works, the importance given to nature in inseparable communion with us, living beings. And life, strong, intense, and searched for by Brígida in every way, became, ever so strongly, similar to her works. The life of plants, their reactions, the skin that responds in colorful cells, the presence of what was marked, hurt, traumatized. And still, rebirth by merging, by mixing, by the possibility of grafting, which Brígida lived through when sharing bone marrow with her brother, in the transformations and chimeras that she herself felt in her body and soul. Here, we follow through with her desires, her drafts, keeping her present and in perspective.

Among the artist's last interests, written in her diaries, there were quotes by Ailton Krenak that unveiled the importance of the mist, element that made Brígida well-known in the art system

sistema da arte, desde a série “Coleta de neblina” de fins dos anos 1990. A palavra “cura” ganha destaque, então, nos apontamentos já no fim da vida da artista: “Há um lugar dentro de cada um. Há uma mata dentro de cada um. Há a cura dentro de cada um”. Ouvindo Ailton Krenak, Brígida descobriu que a neblina se relaciona à cura para os parentes originários, enquanto ela própria lutava pela sobrevivência a uma enfermidade.

Por mais que vinculemos as obras de Brígida Baltar a suas relações sintomatológicas com os efeitos dos tratamentos contra o câncer que a acompanhou por 20 anos, parte grande desse interesse se dava poeticamente em torno da vida de forma ampla, em suas transcendências materiais, na beleza de suas configurações, no entregar de suas verdades. Natureza e poesia constituíam, talvez, os principais interesses de Brígida. Assim, a artista se interessou por gestos que já expandiam os próprios conceitos de esculpir juntando-os ao simples fato de viver, construir, de agir e, com isso, fazer arte: cavar e plantar, guardar as goteiras, engarrafar a condensação e o desfazimento líquido das nuvens. E, sempre, seu ateliê se reorganizava. Brígida mantinha a prática de rever obras e guardados, desfazendo-se do que não mais fizesse sentido, na pulsão, como ela mesma escreveu, de ser artista: “O artista é pulsão, pode e deve destruir aquilo que fez e não agradou. Assim será e sempre foi o que aconteceu comigo”.

ever since the “Mist collecting” series in the late 1990’s. The word “healing” is highlighted among the notes made by the artist in her final years: “There is a place within every one. There is wilderness within every one. There is healing within every one”. Listening to Ailton Krenak, Brígida found that the mist relates to healing among the indigenous kin, while she herself was fighting to survive an illness.

As much as we link Brígida Baltar’s work to her symptomatological relation with the effects of the cancer treatments she endured for over 20 years, a great share of that interest happened poetically around life, broadly speaking, in its material transcendence, in the beauty of its forms, in the delivering of its truths. Nature and poetry seem to be Brígida’s actual main interests. Thus, the artist was interested in gestures that expanded the very concepts of sculpting by merging them to the acts of living, building, taking action, and, with it, making art: digging and planting, collecting drippings, bottling up condensation and the liquid unmaking of clouds. And, as ever, her workshop reorganized. Brígida used to revisit works and stored drafts, throwing out what no longer made sense, as she herself described, in the drive of being an artist: “The artist is drive, they can and must destroy what they made and didn’t like. Thus will be, and always has been, what happens to me.”

Em tudo, víamos pesquisas intensas, profundas, sobre os assuntos, sobre os modos de fazer, sobre os parceiros que a auxiliariam nos projetos. E esses variavam entre técnicos de áudio e vídeo, músicos, maestras, maquetistas, figurinistas.

Brígida se interessava por artistas que transformavam as suas vivências pessoais em fábulas: Bas Jan Ader, Yayoi Kusama, Hannah Wilke. Pois, se encantava, sobretudo, com os fios que desenham o passar do tempo, com aquilo que nos faz perceber as horas, com os efeitos de uma extensão ininterrupta de acontecimentos. Por isso, em quase todos os seus filmes, só há planos-sequência, sem cortes ou edições, pois, como na respiração, precisamos atentar para acontecimentos que não podem se interromper, como se preenchessemos um parêntese, dentro de uma cena principal.

Ficávamos, em muitos momentos, conversando sobre ideias menos narrativas, que não podemos chamar tão-somente de “abstratas”. Um dos projetos inconclusos foi a observação sobre seres abissais, das profundezas, que possuíam luminescências próprias. Seres que viveriam sem luz, na escuridão.

Penso, hoje, que em tudo havia a percepção sobre a própria vida.

Marcelo Campos, 2025.

We saw intense, profound research in everything, in all subjects, ways of doing, and partners that helped her with different projects. Those would vary among sound and video technicians, conductors, architectural model artists, costume designers.

Brígida was interested in artist who transformed their personal experiences into fables: Bas Jan Ader, Yayoi Kusama, Hannah Wilke. For she was captivated, above all else, by the threads that draw the passage of time, by what makes us see the hours passing, by the effects of a continued extension of events. That is why, in almost all of her films, there’s long takes, with no cuts or editing, for, as with breathing, we must pay attention to what cannot be interrupted, as if filling a parenthesis within a main scene.

We would often talk about less narrative ideas, which we cannot, nonetheless, simply call “abstract.” One of our unfinished projects was the observation of abyssal beings, from the depths, with their own luminescence. Beings that live with no light, in darkness.

I now think that, in everything, there was the perception of her own life.

Marcelo Campos, 2025.



Autorretrato com tecido favo | Self-Portrait with Honeycomb Fabric, 2002
Registro fotográfico de ação | Photograph of action, 23 x 34 cm, 45 x 30 cm





Plant Skin and the Creation of Worlds

Designed to encompass Instituto Ling, the house and its gardens inspired me to devise an exhibition for the gallery that orbited around plants.

Skin as a surface has interested me for years. Its marks, established through time, stories, and memories. This research now extends to the universe of plants. Plants also carry their traits, evoking affections and reminiscences.

I started embroidery in 2016, weaving embroidered bruises and petechiae in the homonymous work *Bruises and petechiae*. I later made the work *My skin your skin*, using a variation of thread colors along the lines of the beiges, pinks, and browns that exist within black and white skin.

Although my work translates existential and biographical meanings, what results is an organic, abstract geometry that steers the creation of made-up worlds.

Plant Skin presents, beyond the patterns and textures observed in the dermis of plants, occasional signs of abrasion or maladies. In 2016 I had already finished *Plant bruises*.

The creation of this project happens at a moment when all of us are socially isolated, on mandatory quarantine due to the COVID-19 pandemic, which generated more delicate, smaller works that reflect what was within my reach, made from the small pieces of cloth, thread, and yarn balls laying at home.

Next to the embroidered pieces and drawings framed on the wall, the exhibition also shows concrete sculptures, possibly with a mixture of other materials. This ensemble will rear a fantastic garden.

Finally, the desire to incorporate the project for the gardens distributed among the embroideries is a proposal that, although in its early stages, sounds stimulating and potent.

Marcelo Campos has been the curator chosen for this exhibition. We, Marcelo and I, have had profound conversations on art and our artworks, and have been together on a number of projects, such as: *Contemporary Sertão*, 2008; Caixa Cultural (Rio de Janeiro-Salvador), *What it takes to fly*, Oi Futuro Flamengo, 2011; *The love of the rebel bird*, *Stables*, 2012; among others.

Our process includes regular meetings on visits to the studio, to keep track of the work and discuss it.

Brígida Baltar, 2020.

A pele da planta e criação de mundos

A casa e seus jardins, arquitetados para abarcar o Instituto Ling, me inspiraram a elaborar uma exposição, na galeria do referido Instituto, que orbitasse em torno das plantas.

Há alguns anos a pele, como superfície, me interessa. As marcas ali fundadas pelo tempo, pelas histórias e pelas memórias. Essa pesquisa agora se estende ao universo vegetal. Plantas também trazem seus traços, evocando afetos e reminiscências.

Em 2016 iniciei a prática de bordar, construindo bordados de hematomas e petéquias na obra homônima *Os hematomas e as petéquias*. Mais tarde, desenvolvi a obra *Minha pele sua pele*, em uma variação de cores de linhas entre beges, rosados e marrons, tons que transitam entre as peles negra e branca.

Embora meu trabalho traduza sentidos existenciais e biográficos, o que resulta é uma geometria orgânica, abstrata, conduzindo a criação de mundos inventados.

A pele da planta apresenta, em uma parte da exposição, além dos desenhos e texturas observados na derme das plantas, situações de desgaste ou pequenas enfermidades. Em 2016, já havia realizado a obra *O hematoma das plantas*.

A criação deste projeto acontece em um momento em que todos nós nos encontramos em isolamento social, em uma quarentena necessária devido à pandemia de COVID-19, o que gerou um trabalho mais delicado, de formatos reduzidos, ao buscar o que estava ao alcance das mãos, com os pequenos panos encontrados em casa, linhas e novelos que estavam disponíveis.

Ao lado dos bordados e desenhos emoldurados na parede, irão compor a exposição esculturas em concreto, podendo apresentar uma mistura de outros materiais. Esse conjunto edificará um jardim fantástico.

Finalmente, a vontade de incorporar o projeto dos jardins distribuídos entre os bordados é uma proposta que, mesmo ainda embrionária, me parece instigante e potente.

Marcelo Campos é o curador escolhido para esta exposição. Nós, Marcelo e eu, temos um profundo diálogo sobre arte, sobre nossos trabalhos, e já participamos de alguns projetos juntos, como: *Sertão Contemporâneo*, 2008; Caixa Cultural (Rio de Janeiro-Salvador), *O que é preciso para voar*, Oi Futuro Flamengo, 2011; *O amor do pássaro rebelde*, *Cavaliças*, 2012; entre outros.

Nosso processo inclui encontros periódicos em visitas ao ateliê, para acompanhar as obras e conversar sobre elas.

Brígida Baltar, 2020.



A pele da planta | Plant Skin, 2020
Bordado sobre algodão | Embroidery on cotton, 33,5 x 25,5 cm



A pele da planta | Plant Skin, 2020
Bordado sobre algodão | Embroidery on cotton, 32 x 28,5 cm



A pele da planta | Plant Skin, 2020
Bordado sobre algodão | Embroidery on cotton, 30,5 x 29,5 cm



A pele da planta | Plant Skin, 2020
Bordado sobre algodão | Embroidery on cotton, 20 x 35 cm



A pele da planta | Plant Skin, 2020
Bordado sobre algodão | Embroidery on cotton, 26 x 20,5 cm



A pele da planta | Plant Skin, 2020
Bordado sobre algodão | Embroidery on cotton, 23,5 x 25 cm







Sem título | Untitled, 2022
Bordado sobre algodão | Embroidery on cotton, 38,5 x 39 cm



Sem título | Untitled, 2022
Bordado sobre algodão | Embroidery on cotton, 37 x 36,5 cm



Sem título | Untitled, 2020
Crochê | Crochet, 70 x 34 cm



Sem título | Untitled, 1999
Tinta azul esferográfica sobre papel | Blue ballpoint pen on paper, 27 x 20 cm



Sem título | Untitled, 1999
Caneta permanente | Permanent marker, 30 x 21 cm



Sem título | Untitled, 2002
Tinta azul esferográfica sobre papel | Blue ballpoint pen on paper, 29,7 x 21 cm



Sem título | Untitled, 2002
Nanquim sobre papel | Ink on paper, 29,7 x 21 cm

Sem título | Untitled, 2000
Tinta azul esferográfica sobre papel | Blue ballpoint pen on paper, 29,7 x 21 cm



Sem título | Untitled, s/d | n.d.
Linhas utilizadas nos bordados da série "A pele da planta" |
Threads used for embroidering the "Plant Skin" series, 20 x 20 cm

Floresta | Forest, 2022

Bronze em oxidação verde em base bronze com pátina marrom |
Green oxidation bronze on a bronze base with brown patina, 31 x 55 x 55 cm



Irmãos [imbé e mangue-da-praia] |
Siblings [imbé and mangue-da-praia], 2016
Bronze | Bronze, 40 x 23 x 11 cm
Coleção | Collection Daniela e Alfredo Villela



Nosso coração de bananeira | Our banana tree heart, 2016
Bronze | Bronze, 20 x 7,5 x 7 cm





42 **Com você dentro de mim | With you inside me, 2022**
Bronze com banho de prata | Bronze with silver plating, 7 x 31 x 5 cm

Brígida Baltar
Vicente Baltar
Manto | Mantle, 2024

44 Bordado sobre tapete | Embroidery on rug, 220 x 110 cm



11/09

DEPOIS DE CONVERSAR COM MARIANA AMARAL, ENTENDEI QUE O CAMINHO CERTO SERIA A FORMAÇÃO DO INSTITUTO E PARA ISSO DEVERÍAMOS TER UM ADVOGADO QUALIFICADO EM ARTE E POLÍTICA CULTURAL. ISSO ME LEVOU A DESEJAR CONHECER O ADVOGADO DO TUNGA E ACABEI ME APROXIMANDO DA LUISA DUARTE, QUE DEIXA SUA TAMBÉM PROXIMIDADE COM TUNGA, SABERIA TALVEZ ME INDICAR O ADVOGADO. POR FIM, LUISA GENTILMENTE ME COLOCOU EM CONTATO COM O ADVOGADO ALVARO PIQUET. ESTE JÁ ADOTOU PARA ARTISTAS COMO LUIZ ZEBINI, RAUL FLOREANO, ... E DISSE GOSTAR DO MEU TRABALHO. FIGUEI FELIZ. TUDO ANDANDO. AINDA NÃO O PROCUREI.

13/09

O MAIS IMPORTANTE A FAZER É TENTAR ESCREVER QUANTAS OBRAS PODERÃO SER PRODUTIVAS DEPOIS DA MINHA MORTE. SÃO TWITAS. ESTA É A PRINCIPAL FUNÇÃO DESTA RAISONNÉ ARTESANAL.

13/09

ENQUANTO ZORDO 'A VELE DA PLANTA' ESCUTO CICLO SELVAGEM, ORGANIZADO NOS ÚLTIMOS 2 ANOS, NO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

CADA VEZ MAIS ACREDITO NO ESPÍRITO E SABEDORIA ANTIÍSTA INDÍGENA.

CORPO E FANTASIA

HOJE PENSEI:

NATUREZA, CORPO E FANTASIA

14/09

A CÊNICA QUA, A VISÃO DA BIOSFERA, OUVIR OS CICLOS "SELVAGEM" OS APRENDIZADOS INDÍGENAS ME AJUDAM A OLHAR MEU TRABALHO DE OUTRO MODO, AMPLIADO, PLENO

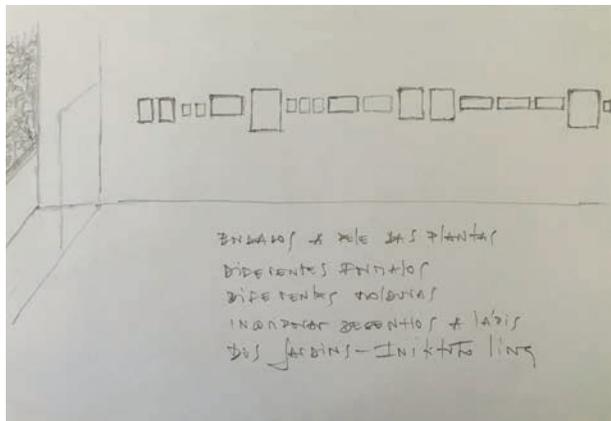
SOMOS NATUREZA, TODOS OS SERES VIVOS IMPORTAM E NOS FORMAM

DA CASA MONTANIAS

DA CASA FLORESTAS

CASA TERRA

Projeto da exposição desenhado por Brígida Baltar para o Instituto Ling, em 2020 |
Exhibition's project designed by Brígida Baltar for Instituto Ling in 2020

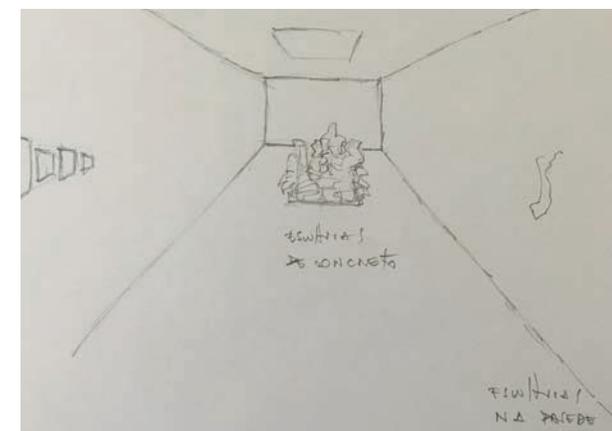




© 2010. Tutti i diritti sono riservati. Per informazioni, visitate il sito www.arte.it. Per la stampa, visitate il sito www.arte.it. Per la distribuzione, visitate il sito www.arte.it.



Projeto da exposição desenhado por Brígida Baltar para o Instituto Ling, em 2020 |
Exhibition's project designed by Brígida Baltar for Instituto Ling in 2020



Ações na casa

Durante os anos 1990, Brígida Baltar (1959-2022) fez do ateliê onde morava em Botafogo, no Rio de Janeiro, um laboratório de experiências. Cavou buracos e abriu janelas. Ocupou espaços inesperados, fundindo corpo e casa. Foi aí que surgiram suas obras mais conhecidas, como *Abrigo* (1996), *Torre* (1996), *Abrindo a janela* (1996), que também originaram filmes, e o vídeo *A coleta da neblina* (1996).

Actions in the house

During the 1990s, Brígida Baltar (1959-2022) made the studio where she lived in Botafogo, Rio de Janeiro, into an experience lab. She dug holes and opened windows. She occupied unexpected spaces, merging body and home. That's when her most well-known works appear, such as *Shelter* (1996), *Tower* (1996), and *Opening the window* (1996), that also resulted in films, and the video *Mist collecting* (1996).

Ações na natureza

Fora da casa, incorpora a arquitetura da natureza: um armário enche-se de terra – *Feminino* (1994) –, árvores são plantadas sobre objetos afetivos enterrados – *Enterrar é plantar* (1994) –, algodões crus espalham-se como peles entre galhos – *Projeto Algodão*. Algumas substâncias transientes, como orvalho e neblina, são coletadas nas montanhas – série *Coletas* (1999).

Actions in nature

Extending the experiments to the outside of the home, she incorporates the architecture of nature, when a wardrobe is filled up with soil – *Feminine* (1994) –, trees are planted over sentimental objects that have been buried – *To bury is to plant* (1994) –, and raw cotton is spread like fur onto sticks and twigs – *Cotton Project*. Some transient substances, like dew and mist, are collected in excursions to the mountains – *Collectings* (1999) series.

Entre o real e a fábula

Os desenhos e esculturas com o pó de tijolo da casa levado em tonéis ao se mudar surgem em 2000. São livros, montanhas, florestas e plantas. As padronagens brocadas – *Canto Brocado* (2007) – ou rendadas – *Renda Cobogó* (2009) – revelam-se sobre o chão e cantos ou nas esculturas cobogós. Aprofunda-se uma narrativa fabular que origina o filme *Maria Farinha Ghost Crab* (2004) e *Casa de Abelha* (2002).

Between reality and fable

The drawings and sculptures made from the bricks of the home that the artist took with her in barrels when she moved, start to appear in 2000. She molds books and mountains and draws forests and plants on paper and walls. Brocade – *Brocade corner* (2007) – or lacy patterns – *Latticework lace* (2009) – are revealed in the dust on the floors of rooms and corners or latticework sculptures. A fabular narrative deepens, originating the film *Maria Farinha Ghost Crab* (2004) and the *Bee house* (2002) series.

Voar

No fim de 2000, busca na música e no teatro elementos para realizar novos trabalhos sobre voos, quedas, sombras, esculturas aladas, vertigens e máquinas para voar. É também o início das suas esculturas com metal. São desta época trabalhos em bronze como *A queda* (2011) e *Teatro* (2011).

Flying

By the end of the year 2000, she turns to theater and music searching to find elements for new works on flights, falls, shadows, winged sculptures, vertigoes, and flying machines. It is also the start of her use of metal, such as bronze, for sculptures. Works such as *The fall* (2011) and *Theater* (2011) are from that time.

Corpo, pele, irmãos

Em 2010, o corpo toma outra abordagem pelo câncer. Emergem bordados de hematomas – *Os hematomas* (2016) –, petéquias – *As petéquias* (2016) –, pelos inesperados – *Autorretrato com pelos* (2016) –, da série *Corpo, pele, irmãos*. O quimerismo de plantas germinadas em esculturas de bronze e bordados de espécies distintas retoma pesquisas anteriores. As obras são delicadas abstrações têxteis, costuradas em linhas finas, e refletem o enfrentamento por longos vinte anos da doença.

Body, skin, siblings

In the mid 2010's, the ever-present element of the body takes on a particular approach, related to the artist's experiences. So it emerges a set of embroidered bruises – *Bruises* (2016) –, petechiae – *Petechiae* (2016) –, unexpected hairs – *Self-portrait with hair* (2016) –, and ulcers, from the *Body, skin, siblings* series. In this context, the chimerism of plants germinated in bronze sculptures and embroidery pieces of different species returns to the hybridity of previous works. The works reveal delicate textile abstractions, sewn with very fine threads, mirroring the artist's moment in her twenty-year-long battle against cancer.

Carne do mar

Em 2017 e 2018, dedica-se à série *A carne do mar*, inspirada nos seres imaginários que lá habitam. Mar e carne, cores sanguíneas e obras humanizadas que berram, desejam, sentem tristeza e se banham de sol. Rememora as praias da infância, onde recolhia, decepcionada, cacos de conchas, pois ansiava pelas inteiras. É pelos fragmentos que vê a potência da incompletude.

The flesh of the sea

In 2017 and 2018, she works on the series *The flesh of the sea*. A sense of depth inspired by the imaginary beings that inhabit it. Sea and flesh, strange bloody colors – humanized works that scream, desire, feel sadness, and bask in the sun. She looks back on childhood beaches where she would disappointedly collect shards of seashells while yearning for whole ones. It is through these fragments that Brígida Baltar discovers the power of incompleteness.

Brígida Baltar Rio de Janeiro, 1959 – Rio de Janeiro, 2022

Começou a desenvolver sua obra na década de 1990 por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê localizada em Botafogo, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, a artista colecionou materiais da vida intimista, como a água de goteiras escorrendo de frestas do telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. *Em Abrigo* (1996), a artista esculpiu sua própria silhueta em uma parede de sua casa e, ao entrar nesse casulo, transformou a experiência em uma intersecção simbiótica, tornando-se parte da casa na qual habitava. As ações foram, subsequentemente, expandidas para o espaço da rua, originando obras como *Coletas* (2001), em que colheu neblina, orvalho e água do mar evaporada, uma tarefa sabidamente ineficaz de captar o impossível. Em 2005, antes de se mudar de casa, a artista levou grandes quantidades de poeira fina coletada dos tijolos de barro firme. O pó foi usado em trabalhos posteriores, resultando em desenhos de montanhas e florestas cariocas, indícios do espaço íntimo que Brígida compartilha com o mundo. A presença da escultura na sua obra surge ainda com os tijolos, expandindo-se para outros materiais como cerâmica, vidro e metais. Recebeu diversos prêmios e sua obra compõe diversas coleções no Brasil e no exterior.

Started developing her work in the 1990's through small poetic gestures at her home/studio located in Botafogo, a neighborhood in the Southern part of Rio de Janeiro. During almost ten years, the artist collected materials from her intimate life, such as the water leaking from cracks in her ceiling or the reddish-brown dust from the clay of the bricks in the walls. *In Shelter* (1996), the artist sculpted her own silhouette into a wall in her house and, upon entering this pod, transformed the experience into a symbiotic intersection, becoming a part of the house she lived in. These actions were then expanded onto the street, leading to works such as *Collectings* (2001), in which she collected mist, dew, and evaporated sea water, a task known to be ineffective in capturing the impossible. In 2005, before moving home, the artist took enormous amounts of thin dust collected from hard clay bricks. This powder was used in later works, resulting in drawings of carioca mountains and forests, indications of the intimate space that Brígida shares with the world. The presence of sculpture in her work appears with the bricks, expanding onto other materials, such as ceramics, glass, and metal. She has received many awards, and her work appears in several collections in Brazil and abroad.

Marcelo Campos

Nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro. É Professor Associado do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da UERJ, Curador Chefe do Museu de Arte do Rio e Doutor em Artes Visuais pelo PPGAV da Escola de Belas Artes/UFRJ. Desenvolveu sua tese de doutorado sobre o conceito de brasilidade na arte contemporânea. Possui textos publicados sobre arte brasileira em periódicos, livros e catálogos nacionais e internacionais. Em 2023, organizou o livro *Voltaire Fraga: uma Bahia em movimento* (Salvador: P55); em 2016, lançou *Escultura Contemporânea no Brasil: reflexões em dez percursos* (Salvador: Editora Caramurê), incluindo parte significativa da produção moderna e contemporânea brasileira, em um levantamento de mais de 90 artistas. Desde 2004, realiza curadoria de exposições em diversas instituições no Brasil.

Marcelo Campos was born, lives, and works in Rio de Janeiro. He is an Associate Professor at the Department of Art History and Theory at the Art Institute of UERJ, Chief Curator of the Museu de Arte do Rio and a Doctor in Visual Arts from the PPGAV of the Escola de Belas Artes/UFRJ. He developed his doctorate thesis on the concept of Brazilianness in Contemporary Art. He has had texts on Brazilian art published in journals, books, national, and international catalogs. In 2023, he organized the book *Voltaire Fraga: uma Bahia em movimento* (Salvador: P55); in 2016, he launched *Escultura Contemporânea no Brasil: reflexões em dez percursos* (Salvador: Editora Caramurê), including a significant part of the modern and contemporary Brazilian production in an inventory of over 90 artists. Since 2004 he has been curating exhibitions for many different institutions in Brazil.

Exposição [Exhibition]

Artista [Artist]
Brígida Baltar

Curadoria [Curator]
Marcelo Campos

Diretor artístico IBB
[IBB Artistic Director]
Jocelino Pessoa

Assistente Ateliê BB
[Assistant at the BB Studio]
Ygor Landarin

Expografia
[Exhibition Design]
Tania Sarquis

Identidade visual
[Visual Identity]
Adriana Tazima

Produção executiva
[Production]
Laura Cogo

Educativo [Educational]
Gisele Marteganha

Agradecimentos
[Thanks to]
Galeria Nara Roesler,
Alfredo Villela e Daniela
Villela, Vicente Baltar,
Claudio Baltar,
Thais Zylberberg,
Eduardo Coimbra e
Amalia Giacomini

Catálogo [Catalogue]

Coordenação Editorial
[Editorial Coordination]
Laura Cogo

Revisão Editorial [Editing]
Gisele Marteganha

Texto [Text]
Marcelo Campos

Revisão e versão em inglês
[English Version and
Proofreading]
Thays Prado

Projeto gráfico
[Graphic Design]
Adriana Tazima

Fotos [Photographies]
Fabio Del Re, Carlos Stein:
capa [coverbook], p. 25, 30, 36,
37, 41, 43, 45, 47, 49, 51, 53, 55.
Rafael Salim: p. 5, 18, 19, 20, 21,
22, 23, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35.
Rui Cortez: Autorretrato com
tecido favo: Registro da ação
[Self-portrait with honeycomb
fabric: Photograph of action]
p.10, 11, 13,
Thais Zylberberg: Casa de
abelha: Registro da ação [Bee
House: Photograph of action]
p.14, 15.

Produção Gráfica
[Graphic Production]
Ideograf

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – CIP (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Marcelo
Brígida Baltar : a pele da planta = Brígida
Baltar: plant skin / Marcelo Campos ; tradução Thays
Prado. -- Porto Alegre, RS : Instituto Ling, 2025.

Edição bilingue: português/inglês.
ISBN 978-85-93686-10-8

1. Arte contemporânea - Exposições 2.
Baltar, Brígida 3. Bordado 4. Desenhos - Arte
5. Escultura - Exposições I. Título.
II. Título: Brígida Baltar: plant skin.

25-285808

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte contemporânea : Exposições : Catálogos 700.74
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos reservados
[All rights reserved]
© Instituto Ling
© Instituto Brígida Baltar
© Marcelo Campos



(...) Então a ideia do transplantado é também esse ser híbrido,



INSTITUTO
LING

Rua João Caetano, 440
Bairro Três Figueiras
Porto Alegre | RS | Brasil
CEP: 90470-260

+55 51 3533 5700
instituto.ling@institutoling.org.br
www.institutoling.org.br



que você tem mais de um corpo dentro de si. Isso tudo me inspirou.



ISBN: 978-85-93686-10-8



9 788593 686108